



VIDA E OBRA DE LIEV TOLSTÓI
MATERIAL COMPLEMENTAR DA ANÁLISE DOS CONTOS DE TOLSTÓI

VIDA E OBRA DE LIEV TOLSTÓI

REDIGIDO POR RODRIGO KOCH

Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910) é um escritor russo consagrado, um dos maiores nomes do cânone literário mundial. Seus principais romances são Guerra e Paz (1869) e Anna Kariênina (1877), mas seu legado se estende por diversas outras obras nos gêneros romance, novela, conto, peças de teatro, ensaios filosóficos, além de diários e cartas.

Tolstói nasceu em Iásnaia Poliana, propriedade rural de sua família, a 200 km de Moscou. De família nobre, era o quarto dos cinco filhos do conde Nikolai Tolstói e da princesa Maria Volkonskaia. Os pais morrem cedo. Liev Nikoláievitch e os irmãos são criados por parentes.

O autor ingressou na Universidade de Kazan em 1844, onde começou a estudar línguas orientais e, mais tarde, direito, mas não concluiu nenhum dos dois cursos. Em 1847, abandonou os estudos devido a problemas de saúde e "circunstâncias domésticas", além da decepção com o sistema tradicional de ensino. Em seguida, retornou a Iásnaia Poliana. Os primeiros registros conhecidos dos diários de Tolstói datam desse ano. Seus diários viriam a constituir uma obra bastante extensa, além de terem servido



ao autor como um meio de aperfeiçoar sua técnica de análise psicológica, que empregaria tão bem em sua ficção.

O jovem Tolstói leva uma vida marcada por bebedeiras, visitas a prostitutas, jogatina e dívidas. Apesar disso não ser incomum entre os jovens russos nobres de então, desde essa época, o Tolstói moço demonstrava intenso arrependimento pelo próprio comportamento. Após largar os estudos, passava boa parte de seu tempo entre Moscou e São Petersburgo. Em 1851, após se afundar em dívidas, viajou com o irmão mais velho para o Cáucaso; no ano seguinte, entrou para o exército como cadete. Nikolai foi o irmão mais influente de Tolstói, servindo como modelo de homem forte, elegante e corajoso. Além disso, ele dizia a Liev que havia enterrado um graveto verde em uma ravina na floresta de Zakaz contendo um segredo capaz de transformar o mundo em um lugar onde todos seriam felizes, em uma Idade de Ouro sem miséria e doença. Em carta escrita oito anos mais tarde, o autor registrava que a experiência no Cáucaso foi solitária e infeliz, mas que lhe proporcionou um profundo estado de reflexão, o maior que tivera até então, que muito contribuiu para a formação de suas convicções. É nesse período que Tolstói começa a escrever. Ele publicou Infância em 1852, primeiro volume de sua trilogia autobiográfica, que se segue com Adolescência em 1854 e Juventude em 1856. O livro Mocidade se seguiria aos anteriores, mas a obra não foi concluída.



Em 1853, iniciou-se a Guerra da Crimeia, na qual o Império Russo enfrentou uma aliança composta por Reino Unido, França, Reino da Sardenha e Império Otomano (atual Turquia). Servindo inicialmente na frente do Danúbio, Tolstói solicitou transferência para Sebastópol, sitiada pelos oponentes, onde passou a servir até a queda da cidade em agosto de 1855. As experiências militares lhe servem de base para os Contos de Sebastópol, cujos volumes foram publicados entre 1855 e 1856 e lhe garantiram reconhecimento como grande autor. Após o tratado de paz que encerra a guerra em 1856, Tolstói passou a frequentar círculos literários em São Petersburgo, onde conheceu personalidades como o escritor Ivan Turguêniev (1818-83). No mesmo ano, publica o conto "A Nevasca". Nessa época, o escritor doou suas propriedades aos servos que nelas trabalhavam com o intuito de que eles se libertassem.

Nos anos seguintes, o autor fez duas viagens pela Europa, a primeira em 1857 e a segunda entre 1860 e 1861. Ambas influenciaram tanto sua literatura quanto a postura anarquista, espiritual e não-violenta que Tolstói passa a defender nas últimas décadas de vida. Na primeira viagem, visitou Paris, Genebra e Baden-Baden na Alemanha. Em Paris, viveu uma experiência traumática que o marcou para toda a vida: testemunha uma execução pública na guilhotina. Mais tarde, ele viria a escrever em uma carta: "A verdade é que o Estado é uma conspiração elaborada não apenas para explorar, mas acima de tudo para corromper seus cidadãos. Dessa forma, eu jamais servirei nenhum



governo em lugar nenhum." Na segunda viagem, visitou a França, Alemanha, Itália e Inglaterra. É quando conhece Victor Hugo, que havia acabado de escrever *Lés Misérables* (Os miseráveis), romance que influenciou a composição de *Guerra e Paz*. Outro encontro se dá com Pierre-Joseph Proudhon, anarquista que vivia em exílio em Bruxelas. Tolstói troca com ele ideias sobre o sistema educacional e resenha seu livro *La Guerre et la Paix* (A guerra e a paz), cujo título mais tarde tomaria emprestado. Ainda nesse período, o autor se desentende com Turguêniev e o desafia para um duelo, que nunca chegaria a acontecer; além disso, perde bastante dinheiro em jogatinas.

Na Rússia, essa foi uma época de mudanças sociais, havendo a emancipação dos servos, a instituição de câmaras municipais eletivas (os zemstvos), o início da industrialização intensiva e a propagação de ferrovias.

Ao retornar da viagem, Tolstói fundou uma escola para filhos de camponeses conforme suas próprias visões pedagógicas: um sistema de ensino sem punições físicas e que defendia o progresso através de certa aproximação da cultura ocidental, dentre outras reformas educacionais. Logo depois, iniciou a revista *Iásnaia Poliana*, em que retrata sua experiência pedagógica e inclui material didático. A revista causou grande polêmica. Uma investigação da polícia secreta czarista e problemas financeiros o levaram a interromper a publicação e a fechar a escola, que é considerada por alguns como a primeira instituição a verdadeiramente praticar uma educação democrática. Em 1862,



Tolstói se casa com Sófia Andréievna Behrs, com quem teria treze filhos, cinco dos quais viriam a falecer ainda na infância. A jovem tinha dezoito anos na época, e não era uma moça fútil da aristocracia, mas sim uma personalidade ambiciosa, que auxiliou Tolstói em sua carreira e até deixou seus próprios escritos, apesar do status inferior da mulher naquela sociedade.

Os primeiros anos de casamento correram bem. Sófia Andréievna auxiliou Tolstói na revisão de Guerra e Paz e Anna Kariênina e administrava as finanças. Além disso, ela traduziu vários textos do marido para o francês e deixou uma extensa obra autobiográfica e ficcional. Entretanto, com a aproximação da fase mais madura de Tolstói, quando ele adquiriu convicções políticas e religiosas mais radicais, a relação do casal se deteriora.

No ano seguinte ao casamento, o autor inicia um romance intitulado Os Dezembristas, por tratar da Revolta dezembrista na Rússia em 1825, na qual três mil soldados do exército russo se voltaram sem sucesso contra a coroação do Imperador Nicolau I, após seu irmão ter abdicado do trono. A obra é abandonada. Entretanto, mais tarde, as causas da Revolta dezembrista são exploradas na obra-prima de Tolstói, publicada em partes entre 1865 e 1869, Guerra e Paz. O extenso romance é considerado uma das mais importantes obras literárias já escritas, explorando em prosa realista e através de extensa pesquisa histórica, os eventos relacionados à invasão francesa da Rússia e as



consequências da era Napoleônica na sociedade czarista russa. A narrativa foca na história de cinco famílias aristocráticas russas e é acompanhada de longos trechos de discussão filosófica.

No início da década de 1870, Tolstói começa a estudar o filósofo que se tornaria uma de suas grandes influências, Arthur Schopenhauer. O escritor estava insatisfeito com sua posição de nobre enquanto milhões viviam na miséria. O mundo como vontade e representação o induz a se converter gradualmente a uma moralidade ascética, que adquire um caráter mais radical em seus últimos anos de vida, quando ele se tornaria uma espécie de profeta. Ainda no início dos anos de 1870, começa a escrever *Anna Kariênina*, publicado, em episódios, de 1875 a 1877. No ano seguinte, volta a se entender com Turguêniev e a trabalhar em "Os deembristas", que novamente abandona.

Anna Kariênina é sua segunda obra-prima. O romance narra a história de uma mulher aristocrata adúltera, casada com um alto funcionário do estado. Ela se apaixona por Vrónski, rico herdeiro e militar, e os dois vivem uma ardente relação amorosa. Tolstói utiliza pessoas de seu convívio como modelos para os personagens – da mesma forma que fez em *Guerra e Paz*. Alguns temas problemáticos na sociedade da época que são abordados no livro são a propriedade da terra, a decadência da aristocracia, o sistema educacional, o casamento, a religião e o serviço militar compulsório. A frase inicial do romance se tornou famosa na literatura: "Todas as famílias felizes se parecem, cada fa-



mília infeliz é infeliz à sua maneira" (tradução de Rubens Figueiredo na publicação da Editora Cosac & Naify).

Em 1882, Tolstói publicou um trabalho intitulado "Confissão", no qual admite crer na existência de Deus. A partir desse período, Tolstói estuda com afinco os evangelhos, convive com monges e passa a ter convicções morais e religiosas mais radicais. O escritor critica a visão do clero de um Deus cruel e se mostra contrário à Igreja ortodoxa russa, que, segundo ele, não promovia os ensinamentos centrais do cristianismo, mas sim superstições e mentiras danosas. O posicionamento de Tolstói envolve uma espécie de anarquismo com inspiração cristã. Dos evangelhos ele ignora o conteúdo sobrenatural, focando na conduta social de Cristo, semelhante a preceitos indianos e budistas. O autor promove a caridade e seus efeitos purificadores, desconfiança ao governo e ao dinheiro, e em 1888 viria a abdicar do álcool, do tabaco e da carne.

Suas visões filosóficas, morais e religiosas ganham o nome de "tolstoísmo", doutrina que conquistou muitos seguidores. Seu cristianismo era baseado na resistência não-violenta ao mal e na importância e necessidade do amor e do auto-aperfeiçoamento. Tolstói argumentava que a violência do governo não devia ser enfrentada com mais violência, pois a história demonstrava o círculo vicioso resultante da reprodução da violência. Assim, aproximava-se bastante dos pensamentos do filósofo e historiador Henry David Thoreau (1817-62) e do ativista indiano Mahatma Gandhi (1869-1948).



Com a radicalização de suas convicções, aumenta o atrito entre a sua esposa e o seu auxiliar mais próximo, o editor Vladímir Grigórievitch Tchertkov, que pressionava o autor a abandonar a vida burguesa e também a renunciar aos direitos autorais de suas obras, por considerarem imoral que elas gerassem lucro.

Entre 1885 e 1886, Tolstói trabalha junto de Tchertkov em uma editora de publicação de contos populares edificantes para camponeses e outras pessoas simples. Nesses textos, Tolstói se afastava da sabedoria livresca enquanto buscava uma aproximação com o povo, entendendo a necessidade de se comunicar com ele. Como consequência, o tom moralizante dessas obras é mais enfático. A editora distribuiu milhões de exemplares por diversas regiões do país e Tolstói é reconhecido no mundo como o representante da consciência moral do povo russo. Nessa fase mais tardia está incluso "O patrão e o trabalhador" (1895), que retrata o senhor como dependente de seu servo, e este como uma figura mais sábia e forte. A mensagem moral do texto é expressa de forma muito clara.

Em 1886, publica a novela A morte de Ivan Ilitch, uma de suas maiores obras, centrada em um homem com consciência de estar prestes a morrer e que passa a questionar a mesquinhez humana em relação à riqueza e ao poder. Outra obra relevante é a novela Sonata a Kreutzer, publicada três anos mais tarde e causadora de grande polêmica por defender a abstinência sexual, argumentando que a atração entre os sexos resulta em



tragédias. A obra é proibida, mas a esposa de Tolstói consegue autorização para publicá-la em uma edição de obras escolhidas. Pouco tempo mais tarde, Tolstói finalmente renuncia aos direitos das obras publicadas a partir de 1881, o que acarreta problemas financeiros na família.

Também no assunto da estética, Tolstói defendeu opiniões fortes. Contrário à realização de arte por si mesma, acreditava que a moralidade era um dos critérios para julgar a arte. Em 1896, assiste a Hamlet e Rei Lear e critica Shakespeare veementemente, argumentando que suas peças continham conteúdo moralmente suspeito, chegando até a afirmar que o dramaturgo não era um artista, apesar de suas qualidades. Suas opiniões sobre arte e literatura são expressas em *O que é a arte?*, publicado em 1897.

O último romance de Tolstói é *Ressurreição*, publicado em folhetim em 1899. O enredo da obra trata do remorso moral de Dmitri Ivanovitch Nekhliúdob ao descobrir que a breve relação que teve anos antes com uma criada havia resultado na demissão da mesma. A criada teve de recorrer a uma vida de prostituição e acabou julgada por assassinato. Em suas tentativas de ajudá-la, o personagem entra em contato com realidades além de sua vida aristocrática, nas quais existe miséria e opressão. Contrastando a obra com os dois romances precedentes de Tolstói, o tradutor Rubens Figueiredo expõe:

"Em comparação com seus dois grandes romances anteriores – *Guerra e paz* (da



década de 1860) e Anna Kariênina (da década de 1870) , Ressurreição parte de uma estrutura e de um conceito distintos. Guerra e paz tende a apresentar um panorama idílico da nobreza russa, ainda que não de modo unívoco. Anna Kariênina reflete, em forma de crise, o conflito entre os nobres e seus próprios privilégios, contra o fundo da desigualdade da sociedade russa. Ressurreição, por sua vez, põe em primeiro plano o próprio conflito, de forma direta e em todo o seu alcance. Focaliza o sistema judiciário e prisional, um cenário e um contingente humano muito diferentes do que encontramos nos romances anteriores. Desse ângulo, Tolstói lança sobre a sociedade inteira uma luz capaz de pôr a nu o sentido da violência, oficial ou não, e sua relação com os privilégios."

Por escrever obras classificadas pela Igreja Ortodoxa russa como repugnantes para Cristo, e também por dar apoio a um grupo de camponeses que vivia comunitariamente sob preceitos cristãos e que se recusava a servir o exército, Tolstói foi excomungado em 1901. Quando ocorreu a Revolução Russa de 1905 por mudanças sociais, Tolstói atacou todos os lados envolvidos. A vida familiar do escritor se tornou ainda mais complicada nessa última década de vida. Sua esposa e seu amigo e seguidor Tchertkov vivam em constante atrito, e Sófia Andréievna ameaçou suicídio em algumas ocasiões, chegando mesmo a uma tentativa em 1910.

Uma das causas para as más relações entre Sófia e Tchertkov eram os diários de Tols-



tói. Nos últimos anos, o escritor encarregou Tchertkov de guardar seus diários para serem publicados após sua morte. O problema era a franqueza com que Tolstói escrevia sobre pessoas de seu convívio, inclusive os familiares, muitas vezes os expondo de forma ofensiva. A ele não importava que essas informações, mesmo que mantivesse muitas como segredo em vida, viessem ao conhecimento público quando morresse. A forma que Sófia Andréievna encontra para se vingar é escrever seus próprios diários, registrando detalhes íntimos e até sexuais de sua vida conjugal.

Em 1910, Tolstói deixa uma carta de despedida e parte de casa com intenção de se isolar numa vida monástica. Na estação de Astápovo, no entanto, o escritor morre de pneumonia. O enterro se dá conforme suas vontades: apenas um pequeno monte de terra em Iásnaia Poliana, sem luxos.

